

PREÂMBULO

SER HUMANO MODELO ÚNICO

Não há uma experiência humana inteiramente igual à outra na esteira da universalidade. No máximo, uma pálida ou retórica aproximação. Não somos produtos em série ou em massa, mas antes espirituais operados com plena, operosa especificidade pelo Oleiro Divino. Primícias da Criação! Cada ser com sua personalidade, sensibilidade, sutilezas, sua gradação psicológica, sua índole, seus experimentos, perspectivas, sua história, seus padrões intelectuais, psicológicos e espirituais. Não há duas existências semelhantes no mesmo gênero.

Diferenciamo-nos pela idade sideral, pelos hábitos psíquicos, valores éticos e espirituais adquiridos milenarmente, por nossa natureza moral, influência das culturas, climas, regiões por onde transitamos. Somos o produto exato daquilo que pensamos, sentimos, desejamos, fazemos. Tudo no cosmos se rege pela lei da atração e afinidade, colhendo-se o que se semeia e se cultiva. Assim conseguimos a maturidade e a consciência de que a solução para os problemas morais e existenciais de cada um há de ser encontrada em nós mesmos. A lei divina e cristã da renúncia, do perdão, do diálogo, de bem trabalhar os talentos a nos servir de bússola e de leme. Há infinitas formas e recursos ofertados pela Divindade para nos reajustarmos à Sua Ordem, trabalhando laboriosamente em prol do próximo, pela melhoria das sendas do mundo, eivados todos de ideais e propósitos superiores.

Longe dos escopos escravizantes pregados por religiosos dogmáticos e pensadores unilateralistas, o espírito – imagem gloriosa, primacial da Divindade – é dotado de lucidez, personalidade, individualidade, liberdade, responsabilidade, o toque magnânimo de Deus! O universo engloba turbilhões de vida, explosões de vórtices flamantes, energias e mônadas incalculáveis, em sua maioria ocultas aos olhos sensoriais, onde vigem experiências de toda ordem, regidas pela sábia Pedagogia Universal. Antes – ou após a barreira do ver – há um ilimitado existir, prolongamentos infintos, véus, que rompidos, nos conduzem além dimensões e imersões no tempo-espaço!

O verdadeiro escopo do ser é abominar os vícios corruptores, desvincular-se de sectarismos, partidarismos, exclusivismos, vaidades, extremismos de qualquer natureza – política, religiosa, filosófica – pois só assim poderemos compartilhar do júbilo coletivo, da lei da paz, da simplicidade, da fraternidade ilimitadas. Coexistir com amor, humildade, sabedoria! Lembrarmo-nos de que tudo quanto há ou ocorre exara um sentido educativo, daí a premência de sermos vigilantes, acionados pelo combustível das aspirações mais elevadas, afastando-nos do perigoso e ardiloso sensualismo das formas.

O grande Sonêgo

"Batalhador, semialfabetizado, corajoso, destemido, pensador, sonhador, místico, filósofo, artista, músico, cantor, poeta, repentista, folclorista, político convicto". Quem conheceu Salustiano Ibraim dos Reis, o Sonêgo, sempre se referiu a ele assim, como múltiplo. Mas junto ao vasto conhecimento chegaram, também, reviravoltas dolorosas que o transformara.

Pág. 3

É preciso questionar

"Vira e mexe, surge o assunto "cobrança de serviços de esgoto estático sanitário" em nosso meio. A empresa concessionária compelindo a população ainda não conectada à rede que o faça compulsoriamente. Alega a empresa que os serviços estão disponibilizados e que é obrigatória a adesão de cada morador, porquanto definida por Legislação. Obrigatoriedade aberta, ainda que temperada com distribuição de panfletos, contactação de moradores, procedimentos dito legais. Eis o contexto irracional e desproporcional do Poder Público".

Pág. 8



Caminhos de
São Tiago

**Caminhos de
São Tiago**

Chegar à Terra do Café com Biscoito é, desde julho, uma experiência "saborosa" à parte. É que a cidade se tornou ponto final dos "Caminhos de São Tiago", circuito mineiro remetente ao primo europeu, em Compostela, focado em grandes paisagens, tradições seculares e, ainda, o charme próprio do Campo das Vertentes.

Pág. 10

ADIVINHAS

O que é , o que é?

- 1- Nunca passa e sempre está na frente?
- 2- Voa sem ter asas e chora sem ter olhos?
- 3- A zebra disse para a mosca?
- 4- Tem um palmo de pescoço, tem barriga e não tem osso?

Respostas: 1- O futuro. 2- nuvem. 3- Você está na minha lista negra. 4- garrafa

Provérbios e Adágios

- Fazer caridade com o pirão alheio.
- Cutucar o diabo com a vara curta.
- Foi buscar lã, e saiu tosquiado.
- Fazer o bem sem olhar a quem,
- Falam de mim, mas não comem do meu pudim.
- Falar é fácil, fazer é que é difícil.
- Fé em DEUS e pé na taboa.



Para refletir

“Quando pronuncio a palavra futuro, a primeira sílaba já se perde no passado.
Quando pronuncio a palavra silêncio, suprimo-o.
Quando pronuncio a palavra nada, crio algo que não cabe em nenhum não ser”

“As pessoas ricas vivem num luxo absurdo, enriquecendo-se com o trabalho dos pobres humilhados e protegendo a própria riqueza com guardas, juízes, sentenças...”
(León Tolstói – “Os Últimos Dias”)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu. Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO

APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

AO PÉ DA FOGUEIRA PASSAGEIRAS DE OUTRAS DIMENSÕES

Taxista, residente na capital mineira, profissional experiente, acostumado, por décadas, ao rush diário na grande metrópole, com contato com pessoas de todas as classes sociais, algumas, sem dúvida, extravagantes e incomuns, nosso amigo passaria por uma experiência singular, senão inacreditável.

Ao passar, certa manhãzinha, próximo ao cemitério do Bonfim, veículo liberado, duas mulheres, uma delas bem jovem, quase menina, aparentando ter, no máximo, uns quatorze, quinze anos; a outra mais madura, aparência de uns quarenta e tantos anos, fizeram sinal. Parou o táxi, passageiras adentram, iniciando-se a corrida. Medidor ligado, bandeira arreada, perguntou-lhes o destino: A jovezinha disse-lhe: - Pare na Igreja da Boa Viagem. Não é muito longe

Estranhando o fato, pôde observar que a senhora, que acompanhava a mocinha, era só silêncio e assim transcorreria durante todo o percurso. Mutismo total por parte dela. Um monossílabo sequer. Sentidos atentos, ouviu a moça dizer, de forma suspirosa: - Hoje faz nove anos que morri esfaqueada... É-me ainda muito difícil recompor os fatos... Mas senti-me na contingência de vir, a fim de reencontrar mamãe, alentá-la, ela que jamais se refêz desde a minha brutal partida...

Tais comentários e revelações, dentro do veículo, causaram-lhe espanto, quando não circunstancial temor, pois, na condição de profissional do volante, fora já assaltado com a utilização de faca em outras oportunidades, deduzindo, contudo, decerto ser alguma brincadeira ou jocosidade por parte da jovem.

Prosseguiu a jovem: - Perdoe-me, tia Laura, sei que a senhora veio comigo, a título de companhia e com bastante ressalva, pois tinha outros compromissos no Astral... E tivemos, para tanto, necessidade até de autorização superior do governador da colônia, não é verdade?! Hoje é o aniversário de mamãe Berta e ela deverá estar presente à missa matutina... Pelo que estou informada, tio Clênio também se fará presente...

Aproximando-se da igreja, na verdade a Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem, parou o veículo, tendo as mulheres pago a corrida e, num piscar de olhos, sequer fossem abertas as portas do táxi, simplesmente desapareceram, evaporaram-se ante seus olhos perplexos.

Comentou o inusitado fato, mais tarde, com um dos colegas do ponto de táxi, por sinal de nome Clênio, pessoa já de seus sessenta anos, ali à espera de passageiros. Este, ouvindo a história, empalideceu subitamente, buscando escorar-se à árvore próxima. E com esforço, explicou: - Acabo de vir da igreja da Boa Viagem, onde assisti a missa em companhia de familiares, inclusive de minha irmã Berta, mãe de Flora. Hoje faz justos nove anos que minha sobrinha Flora foi vilmente assassinada a facadas por um vizinho de bairro. Laura é também minha irmã, religiosa oblata, mulher de grandes virtudes, falecida há umas duas décadas...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



FILÓSOFO ANALFABETO

Era uma vez... Era uma vez, em São Tiago, um arraial minúsculo, cheio de histórias e tradições, vivia um jovem batalhador, semialfabetizado, corajoso, destemido, pensador, sonhador, místico, filósofo, artista, músico, cantor, poeta, repentista, folclorista, político convicto. Esse jovem era filho do Sr. Joaquim José dos Reis e de D. Anna Cândida de Resende, nascido em 1885, de nome Salustiano Ibraim dos Reis, Sonêgo, o apelido.

Ao completar dezoito anos se casou com Francisca Justiniana de Moraes, satisfazendo o desejo de duas famílias tradicionais da região. Mudaram-se do arraial indo viver no campo, a três quilômetros dali, às margens do ribeirão, cercados de vizinhos, amigos e parentes.

Em pouco mais de alguns anos, tiveram dez filhos: José Ibraim dos Reis, Ana Justiniana de Moraes, Rita Justiniana de Moraes, Maria Francisca de Moraes, Geralda Justiniana de Moraes, Antonio Macena dos Reis, Joana Justiniana de Moraes, Tiago Ibraim dos Reis, Maria da Conceição Moraes e um Natimorto.

D. Francisca, a Chiquinha do Sonêgo, faleceu aos trinta anos, de parto, antes de a criança nascer, deixando nove filhos: o mais velho com quatorze anos e a mais nova com menos de um ano.

Foram meses difíceis! Crianças tristes, sentindo-se abandonadas, pai em desespero.

Oito meses passados, Sonêgo, por sugestão de parentes e amigos, se aproxima de outra dama: a pessoa certa para apoiá-lo, sendo esposa, companheira, educadora, cuidadora e mãe de seus filhos.

Maria Gabriela da Silva, filha do Sr. Joaquim Marques da Silva, o conhecido Joaquim Sacristão, e de D. Maria José Ribeiro, nascida naquele mesmo povoado, em 19 de março de 1898.

Assim que se casaram, foram viver na mesma casa onde já estavam os nove filhos do Sonêgo, a quem D. Maria deu todo carinho e amor de mãe-substituta até que, um por um, todos se casaram indo, com responsabilidade social e compromisso cristão, constituir uma nova família.

Desse segundo casamento vieram mais oito filhos: Sebastião Joaquim Marques da Silva, Maria Francisca da Silva, Tereza Marques da Silva, Joaquim dos Reis, João Batista Santiago, Salustiano Benedito dos Reis, Geraldo Magela dos Reis e Ibraim José dos Reis. Foram criados com muita dificuldade, mas dentro de sérios princípios religiosos, éticos, morais e sociais.

Com três anos, Ibraim, o filhinho caçula, alegre, feliz na sua inocência, brincando com seu carrinho de caco de cuia e bozinhos de sabugo, numa estrada feita por ele mesmo com a areia da chuva, sente fortes dores abdominais e vômitos incessantes. Morre em poucas horas. Alguns dias depois, afilhada e sobrinha do Sonêgo, muito querida e amada, sofre morte trágica. Em pouco tempo e morre também, repentinamente, Maria, uma das filhas do primeiro casamento.

Sonêgo não suporta. É muita dor para seu coração de pai, tio, padrinho, além das dificuldades familiares: filhos casando-se e indo morar muito longe, falta conforto, trabalho, tudo. Amigos, tem muitos que o ajudam conforme suas necessidades. Sua cabeça começa a ficar confusa: troca nomes, esquece suas obrigações de pai de família e de marido exemplar. Não reconhece os amigos, nem os familiares. Torna-se agressivo e violento.

Vizinhos, amigos e parentes procuram ajudar o enfermo e sua família. Buscam benzedores, farmacêuticos, médicos. Levam-lhe chás, raízes, beberragens, orações, remédios, calmentes. Nada tem efeito rápido. Todos sofrem muito. Quantas noites ao relento sua esposa e filhos passam para se esconderem de suas crises de agressividade e violência!

Em certos dias ficava bem, voltava para seu trabalho preferido com o carro de bois, cuidava dos animais e das plantações; em outros dias perdia a noção de seus compromissos, deixando a responsabilidade da manutenção da casa nas mãos de seus filhos, alguns deles ainda crianças.



Mesmo assim, quando estava bem, pensava e agia como filósofo, músico, artista, folclorista.

Gostava de conversar sobre política assumindo publicamente sua admiração pelos líderes do seu partido. Ensinava para seus familiares que toda nação precisa ter, pelo menos, dois partidos políticos: um para legislar e executar as leis; outro para verificar, analisar, avaliar e controlar atitudes e decisões da oposição governista.

Motivava todos a se levantarem da cama antes do dia clarear, abrir janelas e portas da casa. Dizia que, quando o sol nasce, Deus passa abençoando casas, famílias, atividades. A bênção entra na casa e permanece com cada um de seus moradores. Exigia que a noite fosse feita para o silêncio, oração e meditação.

Quando algum vizinho ou amigo era mordido por inseto ou animal peçonhento, corriam a chamar o Sonêgo para benzer, fazer simpatias e orações. Ele passava junto ao enfermo noites e dias rezando, administrando-lhe simpatias, fazendo e oferecendo-lhe chás e beberragens.

No final do ano, saía com seus filhos em sua Folia de Reis tocando sua viola e cantando músicas religiosas e folclóricas. Durante duas semanas, da véspera do Natal até o dia de Reis, deixava casa, esposa e filhas, indo visitar fazendas, cantando, rezando e recebendo ofertas que eram entregues religiosamente ao Pe. José Duque. O dia 06 de janeiro era de grande festa: encontro de várias Foliás de Reis, que chegavam das visitas, na praça da pequenina e já então cidade de São Tiago. Era momento de competições, com versos improvisados, trejeitos e passos estranhos dos "palhaços", mas tudo com muita alegria e respeito religioso. Pe. José Duque era presença obrigatória e marcante na festa abençoando a apresentação de cada grupo. E eram muitos!

Com o passar dos anos, Sonêgo foi ficando debilitado e, conseqüentemente, mais calmo, mais sossegado e tranquilo, não conseguia acompanhar os filhos na Folia de Reis, mas continuava com seus pensamentos inteligentes e filosóficos, suas orações, benzeções e suas lições ensinadas através de histórias fantásticas.

Depois de ter conhecido dezenas de netos, bisnetos e alguns tataranetos, no dia 17 de maio de 1962, com 77 anos, amanheceu silenciosamente morto em seu humilde catre e colchão de palhas, sob o som da orquestra de seus animais de estimação, ao lado de sua esposa e com a presença dos filhos Maria Francisca e Salustiano Benedito, na pequena propriedade onde viveu sua vida difícil, complicada, mas feliz do seu jeito.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Membro do IHGST

A roda do tempo: Dois casos estrepitosos de abate de árvores na zona urbana de São Tiago

A comunidade de São Tiago é, infelizmente, um caso calamitoso concernente ao abate de árvores, em especial na área urbana, onde é pífia a malha arborizada; a cada dia as poucas espécimes remanescentes são postas abaixo com autorização e condescendência das autoridades. Seja por falta de conscientização, seja por interesses eleitoreiros, por pressão de empresários e loteadores, árvores são abatidas, muitas vezes atendendo caprichos, momices e excentricidades de moradores (alegações de que a árvore suja o quintal ou o telhado), portanto justificativas infundadas quando não risíveis e grotescas.

Torna-se enfim o Poder Público o grande inimigo do meio ambiente quando na verdade sua função legal-constitucional é de proteger o patrimônio vegetal, aquífero e o ecossistema em geral. Não é de se estranhar o vergonhoso índice de cobertura vegetal (arborização) da cidade! Um cidadão local, há algum tempo, localizou apenas 36 árvores em todo o espaço público. Hoje já devem ser menos. Somente na Rua São José foram postas abaixo três ou quatro enormes árvores nos últimos 60/90 dias! Parabéns às autoridades!!!

De longe vêm os delitos perpetrados pela municipalidade contra a área verde local.

Dois casos provocariam, contudo, reações abertas por parte de setores da comunidade.

Em, 1987, o prefeito municipal, de atitudes autocráticas, na surdina da madrugada, pôs abaixo um vestuto, exuberante exemplar de magnólia no local onde acha-se o ponto de ônibus (frente aos antigo bar do Sr. José Sebastião de Castro, o saudoso Tião Coité).

Ao amanhecer, a população estupefata viu o enorme esqueleto da magnólia sendo dilacerado por machados. Questionado o prefeito –

que não tinha licença técnico-ambiental para tal – alegou que a árvore era abrigo de muitos pássaros e que estes sujavam as roupas dos transeuntes e/ou passageiros que ali aguardavam ônibus ou que ali ficavam a bater papo, sob a fronde da magnífica árvore.

Protestos foram realizados à época em especial por professores e estudantes locais, tendo o jornal, tabloide local “Ponta de Lança”, publicado o texto “Requiem mínimo – magnólia” de larga repercussão.

Vereadores também se manifestaram, registrando-se a inação das demais autoridades no evento.

A igreja matriz contava com 4 magnólias de considerável porte, dispostas linearmente em suas laterais e que viriam a ser dilapidadas ao longo dos anos pelo desleixo das autoridades. As mudas foram plantadas pelo Sr.: Adamastor Alves de Andrade em inícios do século XX.

Nossa área urbana, circunjacente era muito arborizada em finais do século XIX, como relata o escritor João Lúcio Brandão em seu romance “Pontes & Cia”:

“Era uma arraial primitivo. Em derredor, cercando-o protetoramente, erguiam-se colinas verdes de aclave suave e mais além matas virgens erguiam os robles altaneiros (...). O largo era o coração do povoado; do lado superior, erguia-se a igreja, velho templo com uma só torre e partes de outra cujas obras paralisadas em começo deixavam o aleijão no desgracioso edifício. Do largo se abriam quatro ruas estreitas tortuosas, esburacadas e com poucas edificações...

A despeito, porém, da sensação de triste abandono que a vista do arraial causava – de qualquer ponto, rasgavam-se aos olhos do observador compensação (...) encantadores trechos de paisagem, lances de vista admiráveis”. pp. 10-11.



Magnólia ainda jovem – década de 1930

04/11/1991 30 ANOS DE UM CRIME AMBIENTAL E HISTÓRICO

Alguns anos após, precisamente dia 04/11/1991, nova agressão ambiental e histórica movida pela administração municipal dessa vez contra um figueira centenária localizada no local “Sapeca” (hoje Bairro Barro Preto).

Árvore secular, porte monumental, estrutura colossal, derrubada por ordem e mero capricho do prefeito, locada em área à entrada da cidade onde poderia ser implantada uma praça. Alegação do prefeito: construção de um matadouro municipal, obviamente poluidor ambiental.

A propalada implantação de matadouro em área urbana, a montante de nascentes, era um projeto sem o devido embasamento técnico-legal iria causar imensos transtornos, ações judiciais e penalidades contra a administração pública.

Moradores da região, pacificamente, se mobilizaram, requisitando a não derubada da árvore. O prefeito agiria de forma truculenta, própria de coronéis interioranos requisitando policiais militares armados de fuzis, com cães, viaturas intimidando ostensivamente os ativistas. Um aparato pouco – talvez jamais – visto na cidade. Enfim, sob repressão e terror explícito a árvore foi derrubada criminosamente.

Os moradores e manifestantes foram hostilizados, ameaçados, humilhados pela Administração Municipal. Um boletim foi distribuído pelos manifestantes (carta aberta) a época à população, explicando as razões de sua discordância quanto ao assassinato da histórica árvore (ver Box).



MAS A HISTÓRIA NÃO ESQUECEU E NÃO ESQUECERÁ. 30 ANOS!!!

As árvores melhoram a qualidade de vida, combatem enfermidades pois mantem o ar limpo, retirando gás carbônico (cerca de 22 kg/ano) e produzindo oxigênio (cerca de 120 kg/ano) ou seja uma árvore produz oxigênio suficiente para duas pessoas, além de expelir até 1.000 litros de água/dia na atmosfera.

Árvores grandes são importantes para os ecossistemas porque geram cavidades que são habitat para vários animais como insetos, aves, mamíferos e outros seres vivos como os epífitas e funcionam como arquivos climáticos como dizem os especialistas. Deveriam ser protegidas como patrimônio cultural.

Zonas urbanas arborizadas possuem 60% menos de partículas poluidoras. Tem a capacidade de absorver de 55 a 109 kg de gases poluentes como o dióxido de enxofre oriundo da queima de carvão e óxidos nitrosos provenientes de escapamento de veículos. E quanto mais velha a árvore mais ela captura dióxido de carbono (CO₂).

A sombra das árvores refresca o ambiente, reduz até 2° C a temperatura de asfalto e em 8° C no interior de veículos. Contribuem ainda para reduzir a poluição sonora, sendo fator de valorização imobiliário. Um árvore saudável produz o mesmo efeito de 10 aparelhos ventiladores funcionando 24 horas por dia.

O acesso a áreas verdes, a exposição e contacto com a natureza trazem excelentes benefícios à saúde física e o bem estar mental, reduzindo o estresse, a ansiedade, a depressão e mesmo doenças cardiovasculares.

Segundo estudos teríamos que plantar no mínimo 6 árvores mês para compensar as emissões de gás carbônico lançadas diariamente na atmosfera.

“Mas, no entanto, contudo” – o que vemos em nosso meio e no País como um todo – é o extermínio de reservas florestais e biomas! E o mais triste: com a omissão das autoridades!

RÉQUIEM MÍNIMO / MAGNÓLIA

Ao retornardes a estas vertentes, ó aves migrantes, de vossas ancestrais arribações, onde pousareis?! Onde sereis recepcionadas? – se vosso guardião acha-se imolado, segado pela ceifa de régia insensibilidade
- Magnólia máгна!

Vós, ventos do leste, viajores atlânticos, eternos arautos da plenitude, como esparzireis, doravante, vossas fragrâncias vivificantes, se o cálice sagrado, onde encerráveis vosso último elixir, foi profanado, inteiramente destruído?!
- Magnólia (i)mortal!

Arcanos da história, gravai em vossas páginas o sangue-seiva deste monumento, oráculo das gerações, cajado vivo da cidade-apóstolo, infamemente sacrificado ao som de instrumentos regidos pela loucura
- Magnólia venerável!

Duendes, silfos, gnomos, fadas, vós que conviveis virentes no etéreo reino magnoliano, entremeio aos montes maiores, gravai bem, a azulineas mãos, o poema de vosso habitat derruido e lastimai pelos novos caminhos os nomes dos algezes da vida!
- Magnólia memorável!

Ah! Não mais verdes cantos, desenvoltas ramagens en-crespadas pelas brisas
Não mais buliçosos adejos, frugíveros acordes de aves e sol...
Não mais veiculos, vestes, passageiros na manhã iluminada
Ah! O dossel magnoliano, a dor liliputiana, giganteo protesto!
Dilacerado o fio da história, rompido o tecido da vida, go-teja impoluto o óleo por sobre o manto sanguinolento dos déspotas...

(Texto em homenagem a vetusto espécime de magnólia, existente na praça principal de nossa cidade e que foi ilegalmente destruído pela administração municipal, num abusivo acinte à natureza, à população e à memória da comunidade. Tratava-se de árvore imponente, com mais de meio século de existência, verdadeiro simbolo-vivo de nossa cidade)

Texto publicado no boletim “Avante” nº 23, fev/março 1987



CARTA ABERTA À POPULAÇÃO DE SÃO TIAGO

Somos cidadãos preocupados...

... Preocupados com a falta de memória histórica de nossa sociedade que conduz a destruição e descaracterização de elementos como casas, igrejas e edifícios Públicos:

...Preocupados com o esquecimento de tradições e costumes que, mesmo quando existem, não significam atraso ou falta de Progresso!

...Preocupados com a falta de consciência natural da população que desmata, ceifa e acaba com matas, árvores isoladas nas ruas, nos pastos e nas hortas.

E, preocupados, comunicamos que estão assassinando uma figueira centenária, na antiga estrada que ligava São Tiago a Oliveira.

Essa figueira fez parte da infância de nossos pais e avós. Ela defende da erosão a região de esbarrancados vivos... e não faz mal a ninguém.

Os motivos alegados para essa destruição não convencem. O principal motivo seria a construção de um matadouro público e casas populares. Sabemos que já foi gasto muito dinheiro na saída da antiga estrada para São João del Rei, dizendo que ali seriam construídas as casa populares. Agora mudam o projeto para outro local. O pior é que o esgoto do matadouro e das casas será jogado no brejo, onde é uma das nascentes do Rio Sujo, de onde vem a água que bebemos.

Não podemos deixar de falar aqui no comportamento do Sr. Prefeito, que hoje à tarde (04/11/91) chegou ao extremo de jogar um trator de esteira para cima das pessoas que defendiam a árvore, gritando:

“-EU MATO! ... EU MATO...”

O tempo de vida dessa figueira secular está marcado. Se até amanhã, 05 de novembro, a sociedade não se manifestar, o corte final será feito, já que a poda criminosa já ocorreu.

CONVIDAMOS A TODOS PARA DISCUTIR ESSE ASSUNTO, REFLETIR E DEMONSTRAR NOSSA CONTRARIEDADE AO PÉ DA FIGUEIRA AMANHÃ (terça – feira), às 7:00 HORAS DA MANHÃ.

NÃO SOMOS UM GRUPO POLÍTICO;
NÃO SOMOS UM GRUPO RELIGIOSO;
NÃO SOMOS UM GRUPO FINANCEIRO,
NÓS APENAS TORCEMOS PELA ÁRVORE,
PELA VIDA E PELOS NOSSOS DIREITOS.

Assinado: Cidadãos preocupados

Qualquer tipo de desenvolvimento não é incompatível com a preservação do Meio Ambiente. Assim procederam as sábias e milenares culturas.

04/11/1991



PALAVRAS À VELHA E VETUSTA PAINEIRA

Tua idade, ó aguerrida paineira, ó centenário tótem, mescla-se de poesia, sinfonias, quizílias, quem diria...

Impávida entremeio ao Catimbau e Pavuna – quantos caminhos, quanta saga, quantas histórias

Tuas irmãs árvores das ruas próximas - e praticamente de toda a cidade - foram já postas abaixo pela sanha de iconoclastas e querem também teu corpo, tornarem-te apenas um vazio no grande deserto florestal que vem se tornando a urbe!

Incomodas, sabes...

Queixam de que inibes construções, que provocas sombras, ah! de que espalhas flores e flocos no entorno ah! de que sujais as casas e passeios...

Provocas até “indignação” e que, ao lançares plumas aleatoriamente, “passas dos limites”

Incomodas, sim, pelo teu porte altivo, pelo oxigênio que

produzes, pelo verdor e o pendor das bagas, pelas galhadas farfalhantes e longilíneas, por sua condição de anteparo aos ventos, de aconchego para os pássaros, até por seu silêncio, pela vida que ainda pulsa robusta em teu lenho...

Ai estás há um século e és a intrusa! Um século como sentinela, como matriz – sob chuvas, raios – e ao longo do tempo, sob o respeito e reverência de todos... Mas há os que desejam o teu extermínio, sejam lançada ao solo, num mundo de intolerâncias, de linguagem estranha, onde só se proclama o reinado de motosserras, fogo, fuzil... Onde os versos estão dissecados, os lábios secos, os ruidos e imagens da natureza, ao invés de bênçãos, são rejeitados...

És sagrada, és malquista, condenada impiedosamente por alguns à morte!

Enlouquecemos, sabes...



COBRANÇA DE SERVIÇOS DE ESGOTOS REDE ESTATAL COPASA - QUESTIONAMENTOS PELA POPULAÇÃO

Vira e mexe, surge o assunto “cobrança de serviços de esgoto estático sanitário” em nosso meio. A empresa concessionária compelindo a população ainda não conectada à rede que o faça compulsoriamente. Alega a empresa que os serviços estão disponibilizados e que é obrigatória a adesão de cada morador, porquanto definida por legislação. Obrigatoriedade aberta, ainda que temperada com distribuição de panfletos, contactação de moradores, procedimentos ditos legais. Eis o contexto irracional e desproporcional do Poder Público. Atitudes que nada mais são do que a legitimação da violência, típica do colonialismo e do autoritarismo de Estado, dos quais não libertamos até hoje. Algo impensável, indigesto e que ai está posto, exposto e imposto pelo Poder Público. O objetivo em si: arrecadatório, pois o Estado somente se presta a buscar mais e mais impostações, a fim de suprir sua máquina ineficiente, burocrática. Um saco furado, sempre deficitário. Leis, pareceres, normativos são criados a todo momento a fim de justificar a sanha fiscalista-tributária, pois, para tal, há um batalhão de legisladores, confortavelmente instalados nos mais modernos escritórios. O País das leis, das portarias, pareceres, normativos, instruções etc.

Vejamos. Nossa cidade, que tem suas origens em meados do século XVIII, passou a receber os serviços da empresa estatal na década de 1990, com a encampação inicial da rede de água municipal e posteriormente os serviços de coleta de esgoto. Ora, a população, no tocante a esgotos, utiliza-se, há séculos – portanto muito antes da existência da empresa concessionária e de sua atuação no município – do sistema de fossas sépticas, por exigência e acompanhamento fiscalizatório pela municipalidade, a maioria delas construídas em pedra maciça, com calçamentos laterais e na base, edificações sólidas que jamais causaram quaisquer danos materiais, ambientais a vizinhos e à coletividade. Nenhum mau odor, nenhuma exsudação externa, nenhuma lesão ambiental comprovada!

Lembremo-nos, outrossim, que o rio Sujo, principal ponto de captação de água, é um manancial histórico (há referências a ele em documentos de inícios do século XVIII), sito na periferia da cidade,

tendo a empresa concessionária atirado parte dos detritos, a céu aberto, anos a fio, em seu leito, um impacto ambiental incalculável, lesionando assim o parque turístico da Usina/Morro da Vigia, utilizado, há mais de um século, pela população para lazer.

A pressão da empresa é uma face do direito. Há muitas outras, objeto de estudos e interpretações por abalizados juristas e juízes, podendo e devendo ser levada aos tribunais. O morador, cuja residência dispõe, décadas, senão séculos- muito antes das regulações atuais - do saudável sistema de fossas sépticas, não pode ser forçado/ obrigado/constrangido a utilizar-se de um serviço do qual ele NÃO QUER, NÃO PRECISA, NÃO REQUISITOU, pois já é autossuficiente. Ademais, por preços abusivos, pois a empresa, alegando respaldo administrativo-legal (diz-se por um contrato ou acordo com a Prefeitura local, é o que se ouve dizer), simplesmente, acrescenta 100% sobre o valor da taxa de água consumida, faturando em dobro, o valor total de consumo/uso de cada residência. Dessa forma, se o cidadão consome 20 m³ de água (medida do hidrômetro, portanto auferida unilateralmente pela empresa) e a empresa taxá-lo em R\$ 150,00 (valor apenas a título de exemplo pelo consumo da água fornecida), automaticamente ela aplica mais 100% como cobrança de captação de esgotos, indo a conta para absurdos R\$ 300,00. Simples, não?! Como um chefe de família pode gastar praticamente 1/3 do salário mínimo somente com fornecimento de água e esgoto?! Cientificamente impossível a residência utilizar toda a água medida pelos hidrômetros da empresa e sua conversão total (100%) em esgotos. Uma residência consome água na cocção de alimentos, jardinagem, alguma horta caseira, assepsia com pano molhado, lavação de um veículo, fora a evaporação natural, e que obviamente não terão o esgoto como destino.

Trata-se, ademais, de uma típica “venda casada” (água + esgotos) o que vedado pelo Código do Consumidor, pois são produtos ou serviços distintos. Água é uma coisa, esgoto é outra. A população vê-se, dessa forma, objeto de constrangimentos, forçada a proceder a conexão residencial à rede de esgoto, com ameaças de cobrança

compulsória, de inspeções, multas, denúncias, além de subjetivamente lançar a pecha de “incivilizado”, de comportamento inurbano, a quem se nega a proceder a conexão e se sujeitar às exigências do órgão estatal.

Imagine o cidadão situações similares a esta do esgoto. Você mora, há muitos anos, na periferia da cidade e se locomove da sua residência, utilizando várias modalidades: de bicicleta, ou a pé ou num velho fusca. Um belo dia, o Estado (sempre o Estado) abre uma linha de ônibus que passa por aquela área. E você, morador ali há décadas, é informado de que terá obrigatoriamente de usar o ônibus estatal, sob a alegação de que o Estado gastou com a compra do veículo, sua manutenção, de que há leis que o obrigam a tal etc. Caso você não utilize o ônibus, você será arbitrado a pagar assim mesmo (cobrança automática!) Ademais, você é ameaçado de multa, fiscalização, e ainda a insinuação de que você é um atrasado, um matuto, antiprogressista, por não querer usar veículo moderno, confortável e anomalias mais...

Imagine também você utilizar-se de lenha, querosene ou outro combustível em sua residência. O Estado instala na cidade um sistema de gás encanado, passando por sua rua. E força os moradores a se conectarem à rede oficial, com preços estratosféricos, sob a alegação de que a lei o obriga a isso, pois o Estado tem o monopólio dos serviços e todos estão obrigados a consumir aquele produto, no caso o gás. Ou seja, escravidão! Ou não?!

Vejamos, ademais, os aspectos das energias eólica e solar. Concessionárias, distribuidoras de energia elétrica acharão formas de cobrar sobre o uso do vento e do sol, em conluio com o Estado, assim como já o fazem com a água. Vivem de toda modalidade de impostos, aliás o que mais pesa na conta seja de energia elétrica, água, combustível etc. Pelo contrário, quanto maior a festa, mais o olho – ou melhor a bocarra – crescem a toda! Devem estar estudando

como taxar o ar...

Não há ou houve uma discussão pública. É o que os moradores questionam. Por que não uma audiência coletiva? Simplesmente a empresa põe funcionários na rua, de porta em porta, por mais sociáveis ou treinados que sejam, constringendo, contudo, moradores, com alegações de que a cobrança é legalmente devida, de que conectando ou não será cobrada taxa (obviamente arbitrada pela empresa e que, se aceita, em breve chegará aos 100% do valor da água consumida) Baseia-se ainda a empresa no contrato firmado com a administração pública que, em seu teor, permite a citada cobrança dos esgotos em 100% sobreposta à taxa da água. Pelo menos, é o que se diz, pois o cidadão não tem acesso a informação precisa, genuína, não é chamado para nada, a não ser para pagar as estratosféricas contas definidas pelo Poder Público. Ora, se verdade, terá que ser rediscutido, revisto por se tratar de violação, um atentado à economia familiar. Ademais, portarias, pareceres, normativos, leis podem e devem ser questionadas, quando arbitrárias, afrontosas. Os abusos dos órgãos públicos são constantes, evidentes, naquilo que o famoso geógrafo brasileiro Milton Santos, falecido há pouco tempo, chamava de “cidadania mutilada”

Com a palavra a egrégia Câmara Municipal e extensivamente o Ministério Público, a quem Cabe defender e representar os interesses dos munícipes!

Moradores há que estão se mudando da área servida pela empresa, ou abrindo poços, por não suportar os valores cobrados. Segundo informações, há algum tempo, de um corretor de imóveis, toda vez que a empresa força moradores a usar seus serviços e seus abusivos valores, imóveis rurais próximos à cidade valorizam...

A tempo: nada contra a empresa ou seus laboriosos funcionários. Mas tudo contra os métodos abusivos adotados contra o consumidor...

“Nós vos pedimos com insistência / não digam nunca que isso é natural / Diante dos acontecimentos de cada dia / numa época em que reina a confusão / em que corre o sangue / em que o arbitrário tem força de lei / em que a humanidade se desumaniza / não digam nunca: Isso é natural / para que nada passe a ser imutável!” (Bertold Brecht).

Aves observadas

SOCÓ-BOI-BAIO

Observados, dia 08/08/21, na área central da cidade, um casal de socó-boi-baio, ave pelicaniforme da família Ardeidae (Leach 1820), nome científico Botaurus Pinnatus (Wagler 1829) que significa “abatouro emplumado” (Latim “botaurus” abatouro e “pinnatus” emplumado, pena) As aves vistas tinham aparência fragilizada, provavelmente devido a processo de migração.

Ave ainda comum no Brasil, em especial no litoral, mas pouco vista em nossa região. Mede cerca de 64 a 76 cm, colorido críptico, coroa e face cinzenta com áreas ou estrias amarelas entre o bico e os olhos; lados do pescoço pardacentos com fino borrado escuro-rajado, garganta e demais membros inferiores branco-sujos, rajados no timbre castanho-claro. Bico forte, amarelado, maxila escura, pernas amarelo-esverdeadas, iris amarela, cabeça preto-borrado.

Caçador experiente, paciente, esperando imóvel, enquanto aguarda a presa se mover dentro de seu alcance. Alimenta-se de peixes, anfíbios, crustáceos, invertebrados, sementes etc. Reproduz geralmente na estação chuvosa, construindo seus ninhos em copas e galhos próximos à superfície da água. A fêmea coloca 2 ou 3 ovos marrons ou verde-alváceos por ela mesma chocados. Ambos os pais alimentam os filhotes, permanecendo vigilantes próximos ao ninho até que aprendam a voar. Vive em regiões de pântanos, brejos, juncais, banhados. Sua voz é “ro-ro-ro” ao levantar vôo; quando faz chamada é áspero “rawk-rawk-rawk” e ao cantar produz explosivos monossilabos “poonk-poonko”.



Caminho de São Tiago: Minas lança roteiro turístico inspirado na Espanha

Rota de 274 quilômetros foi inaugurada ontem (25/07/2021) e vai de Ouro Preto ao município que leva o nome do santo e é conhecida como a cidade do biscoito

São Tiago – Muitas histórias, aventuras a cada passo, comidas típicas no prato e paisagens espetaculares para guardar na memória ou compartilhar com os amigos. Minas tem, desde ontem, o Caminho de São Tiago, rota turística que começa em Ouro Preto, na Região Central do estado, e termina em São Tiago, na Região do Campo das Vertentes, considerada a “terra do biscoito”.

Nesse município com 11 mil habitantes, a expectativa é grande para a chegada, no início da tarde de domingo, do primeiro grupo de viajantes. O dia será triplamente especial, pois, além da abertura do roteiro, 25 de julho é consagrado ao santo e 2021 o chamado Ano Santo Compostelano, que ocorre quando a data do martírio do apóstolo Tiago coincide com um domingo.

Na praça central de São Tiago, há um marco e uma placa com os dizeres: “A mais completa rota turística das Minas Gerais, por onde se aventuram tropeiros e inconfindentes. Um roteiro onde transbordam história, natureza, religiosidade e toda a hospitalidade do povo mineiro. Inspirado no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, Minas tem agora o seu próprio Caminho de São Tiago”. Portanto, estão aí as boas-vindas.

A inauguração do primeiro trecho entre Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete ocorreu na manhã de ontem, na primeira cidade, com um grupo de autoridades, ciclistas e moradores. À frente, o presidente da Federação dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais (Fecitur), Marcus Vinícius Januário, também gestor dos circuitos dos Inconfidentes e Villas e Fazendas, informou que o lançamento em Ouro Preto, destaque do Circuito do Ouro e Patrimônio Mundial, será em data posterior.

A nova rota turística inclui 11 municípios mineiros das regiões Central e Campos das Vertentes, onde vivem cerca de 400 mil pessoas. São eles Ouro Preto, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Queluzito, Casa Grande, Entre Rios de Minas, Lagoa Dourada, Resende Costa, Coronel Xavier Chaves, Ritópolis e São Tiago. “O objetivo é dinamizar a economia das cidades, especialmente as de menor porte, atrair visitantes e dar maior visibilidade aos pontos de relevância turística”, informou Marcus Januário. Ele adiantou que há mais 20 prefeituras interessadas em aderir ao Caminho de São Tiago.

ÁREAS RURAIS

Para desfrutar do roteiro de 274 quilômetros, que já tem sinalização indicativa com 360 marcos (tótens) no sentido São Tiago – portanto, a orientação é para o passeio ser nessa direção – o viajante poderá seguir a pé, de bicicleta ou a cavalo. Marcus Januário adianta que 80% dos trechos ficam na zona rural dos municípios. “As pessoas poderão dormir nas cidades e percorrer o caminho durante o dia. São Tiago, por exemplo, que há alguns anos tinha apenas um hotel, conta hoje com cinco.”

Na viagem inaugural, a turma segue em número reduzido devido à pandemia. A fim de mostrar as possibilidades no deslocamento, o primeiro grupo seguiu de Ouro Branco até Conselheiro Lafaiete de bicicleta,



Uma mostra da produção de biscoitos, a iguaria do destino final do percurso



A dona de casa Kênia Fernanda e filho Pedro diante da placa com as informações sobre o roteiro em São Tiago

planejando ir, na sequência a cavalo e a pé. Diante dos olhos, há fazendas, pontes de pedra, casario dos tempos coloniais, igreja barrocas, centros de artesanato e monumentos que contam a história tricentenária de Minas Gerais. Explicando que a viagem deve ser feita com guia, Marcus Januário diz que, em Belo Horizonte, já tem agência de viagem prestando o serviço.

PARCEIROS

Impossível falar no Caminho de São Tiago sem fazer referência ao célebre Caminho de Santiago, rota de peregrinação rumo a Santiago de Compostela, na Espanha. Marcus Januário avisa que estão adiantados os entendimentos para que os dois caminhos, o mineiro e o europeu, se tornem parceiros. A ideia é que o trecho percorrido aqui se some ao espanhol, que totaliza mais de 800 quilômetros e apresenta pontos de partida em Portugal e França. A exemplo do caminho europeu, que atrai gente do mundo inteiro, o mineiro também terá um passaporte para moradores e visitantes registrarem sua participação.

EXPECTATIVA

Em São Tiago, a expectativa é grande para a chegada dos primeiros viajantes do roteiro. Para o secretário municipal de Administração, Bruno Henrique dos Santos, será uma ótima oportunidade para dar mais visibilidade ao município, que tem a produção de biscoitos artesanais e o leite como expoentes. “É um programa turístico importante”, avalia.

Diante da placa com as informações sobre a novidade, a dona de casa Kênia Fernanda de Almeida Xavier acredita que o roteiro tem tudo para seduzir brasileiros e estrangeiros. “Um dia, vou querer fazer o Caminho, em família. Mas, agora, é impossível”, disse com um sorriso e o olhar para o filho Pedro, de 7 meses.

CIDADE COIRMÃ SANTIAGO DEL ESTERO

Santiago del Estero é a mais antiga cidade da Argentina, fundada oficialmente em 25/07/1553 por colonizadores espanhóis e por isso mesmo conhecida como “madre de ciudades” (“mãe das cidades”). O gentílico é “santiaguenho”. Localizada à margem do rio Dulce, é a capital da Província homônima de Santiago del Estero no norte argentino, proximidades com o Chile.

População de cerca de 230.000 habitantes, está a 1.042 km de Buenos Aires, possuindo inúmeras atrações turísticas e históricas como a Catedral, o Convento de Santo Domingo, o Museu Arqueológico Regional, Museu de Arte Sacra, Universidade Nacional etc. Clima subtropical seco e quente, estação seca no inverno e mesmo no outono, precipitação anual de 300 mm. Cerca de 100 000 moradores, habitantes de Santiago del Estero, falam uma variante do idioma quéchua, sendo essa variante uma das pouquíssimas línguas indígenas sobreviventes atualmente na Argentina.

Vários povos ameríndios habitaram a área: guitas, vilelas, tonocotés. Região conquistada pelos incas no século XV, pelos espanhóis no século XVI e ainda disputada pelo Chile nos séculos XVI e XVII. Cidade fundada em 1553 por Francisco de Aguirre. A Província esteve ligada por tempos à Tucumã, adquirindo autonomia e constituição em 1856. Região, com forte presença de imigração árabe, considerada pobre, com poucas indústrias, sendo suas principais fontes de receita a agricultura, o turismo, o funcionalismo público e o comércio.

O nome da cidade aparece estampado nas camisas do clube de futebol Central Córdoba, fundado em 03/06/1919 e ali sediado.

BISCOITOS PRA FESTA

Quem é são-tiaguense sabe da emoção quando fala em fazer biscoitos pra a festa e, melhor ainda, quando recebemos pessoas para esta ocasião, tomar café com biscoitos e trocar um dedo de prosa. A tradição dos biscoitos são-tiaguenses remonta ao início do século XVIII. As quitandas nasceram a partir da matéria-prima cultivada e colhida em abundância na região como mandioca, milho, cana de açúcar, além dos derivados da criação bovina, suína e avícola. A mistura dos produtos fubá, polvilho, queijo, banha, açúcar mascavo, leite, manteiga e ovos resultaram nas primeiras receitas. Sinhás, escravas, avós, tias, mães e madrinhas costumavam fazer as quitandas com as medidas criadas por elas. Não havia livro de receitas. No entanto com a necessidade de compartilhar modos de preparo com outras pessoas do convívio e fora dele, deu-se início as anotações em cadernos, cadernetas e assim as receitas foram passando de geração a geração.



Com o desenvolvimento da região, foram chegando outros ingredientes como: farinha de trigo, fécula, maisena, açúcar refinado, fermento, essências. Desse modo, com a mistura de novos ingredientes surgiram outras receitas.

Fazer biscoitos é algo característico e cultural da comunidade são-tiaguense. Preparar os ingredientes para fazer as quitandas numa outra época era uma festa! Um mutirão entre amigos e familiares! E hoje será que fazer biscoitos pra festa ainda movimenta um número grande de pessoas? Antigamente às vésperas de festas e comemorações acontecia um movimento para encher as latas de quitandas. Comadres, amigas, filhas se ajuntavam para amassar, enrolar, assar. As mulheres, com avental e pano na cabeça, chegavam antes do sol raiar. Fazer biscoito era de manhãzinha. Quem vinha, trazia parte dos ingredientes, vassoura de alecrim, latas grandes, gamelas. Algumas com massas prontas para aproveitar o calor do forno.

Embora houvesse quitandeiras que faziam quase todos os tipos de biscoitos as receitas eram trocadas e cada uma tinha uma especialidade. Havia as que se destacavam nas receitas de biscoitos de fubá, polvilho, “nenê”, amendoim, “Barbacena”, “Dona Rosa”, “que-

bra-quebra”, broinha, “joão-deitado”, pão de queijo, rosquinhas e roscas, além de fazerem os saborosos bolos nas latinhas de cera. Antes de enrolar qualquer biscoito, após amassar, não podia se esquecer de fazer o sinal da cruz sobre a massa.



Era um gesto, uma benzeção para a massa não desandar e tudo dar certo. A primeira fornada era comemorada com um cafezinho feito no fogão a lenha e passado com pó moído em casa. Canecas esmaltadas e o bule do lado. Era um momento muito especial! Após, a forneira que cuidava do velho forno de cupim, ficava de olho para ele não destemperar.

Se as quitandas eram algo de dar água na boca, imagina a troca de receitas naquele dia? A mesa depois ficaria coberta com tantas quitandas diferentes para os encontros de família e de amigos. E as comemorações eram mais alegres e mais saborosas.

Ao fim do dia a partilha das quitandas acontecia. Com latas cheias, guardadas nos antigos armários e prateleiras em cada época, recebiam-se as visitas para Semana Santa, Festa do Senhor São Tiago, Festa de Agosto, casamentos, batizados, aniversários. Nas casas da cidade, bem como nas das comunidades rurais tomar café com biscoito é até hoje uma tradição do são-tiaguense.

Anos depois, a tradição virou parte da economia local. O reconhecimento da cidade de São Tiago como “Terra do Café com Biscoito”, se deu devido a sua vocação biscoiteira. O “fazer biscoitos pra a festa” ainda é comum. Talvez não tão tradicional como naquela época, mas existem pessoas que guardam este costume. Durante todos esses anos, desde 1999 houve a tradicional “Festa do Café com Biscoito”, porém a pandemia do coronavírus impossibilitou de acontecer. Quando era realizada os expositores dobravam a produção, pois forneciam biscoitos para demonstração e degustação a fim de expandir as vendas e fazer negócios. Em cada estande

várias especialidades, uma criação e um novo biscoito. Tudo feito com carinho e dedicação pelos inúmeros empreendedores e funcionários das fábricas para receberem os visitantes com a mesma hospitalidade de tempos anteriores.

A tradição biscoiteira caminha com a história, com a cultura e com a economia local. Os biscoitos são um atrativo gastronômico. Quem vem a São Tiago quer provar as iguarias que cada fábrica produz e levar o nosso produto. É irresistível experimentar apenas um. A produção no espaço “Forno na Praça” conserva o processo artesanal da confecção das quitandas, além de ser um espaço de exposição dos biscoitos de boa parte da produção de São Tiago.

**Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR**



1849 – Incorporação da capela de São Tiago à Paróquia de Resende Costa

Em 20 de outubro de 1849, nos termos da Lei nº 452, a então capela de São Tiago foi desmembrada da (paróquia) de Bom Sucesso e incorporada à paróquia de Resende Costa (Laje).

Em 26 de dezembro de 1849, foi processado o último assento de batismo da capela de São Tiago nos livros de Bom Sucesso e já aos 03 de janeiro de 1850 é lançado o 1º batismo da capela de São Tiago nos livros de Resende Costa – é o que nos informa o ínclito historiador Vinícius Mata.

A Capela de São Tiago esteve incorporada à paróquia de Resende Costa até pelo menos 24 de julho de 1855 quando foi registrado o último batizado de São Tiago nos livros da Paróquia de Resende Costa. A incorporação foi desfeita em razão da elevação do então distrito (Capela) de São Tiago à condição de freguesia pela Lei provincial nº 727, de 16/05/1855. A paróquia de São Tiago instalar-se-ia rápida e efetivamente entre os dias 24 e 27 de julho de 1855, pois a partir do dia 27 começaram a ser processados os sacramentos, com os devidos registros nos livros próprios (Informações – Vinícius Mata, a quem muito agradecemos).

Lei nº 452 de 20 de outubro de 1849

Art. 1º - “Fica restabelecida a Villa de São José Del-Rei da Comarca do Rio das Mortes para onde serão desde já transferidos o Archivo municipal e cartório, fazendo parte do município a Paróquia de São José, as de Prados, Lagoa Dourada, Laje, tendo esta incorporado o districto de São Tiago da parochia de Bom Sucesso que continua a pertencer ao termo de São João Del-Rei”.

Lei nº 727 de 16 de maio de 1855

Lei que eleva o districto de São Tiago no município de São José. Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Presidente da Província de Minas Gerais, faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º - “Fica elevado a freguesia o districto de São Tiago no município de São José tendo por limites os do mesmo districto.”

“A Capela de São Tiago dista da matriz 7 léguas e da de Santa Rita. Tem 741 almas; nesta aplicação tem uma ermida pública na Fazenda das Laranjeiras. Crismaram-se 1016 (...).

“A Capela de Nossa Senhora de Bom Sucesso dista da Matriz 11 léguas; tem 2.825 almas. Foi visitada no mês de junho de 1825 por Sua Excelência Reverendíssima e nela crismaram-se 2.796 pessoas. Esta capela está em um bom arraial, mas, a mesma Capela foi começada com frontispício de cantaria e paredes de taipa e apenas parte dela estava coberta de telha. Ficará um bom templo depois de acabado, mas por ora só tem um altar com pequeno retábulo pintado de branco. Na sacristia tem 2 cálices, ornamentos para o comum e duas dalmáticas de damasco branco e vermelho, com galão de retos; santo lenho em relicário de madeira dourada, ambula e vasos dos Santos óleos de prata. Pia batismal de pedra e duas alvas e 3 corporais de Bretanha de França, tem seus cortinados de bom uso. Esta Capela tem patrimônio que rende 18 £000 e há promessas para o acabamento da obra e chegou a 2:000£000(...).

(Frei José da Santíssima Trindade – “Visitas Pastorais 1821 – 1825” FJP IEPHA 1998, pag. 238).

623 – São Tiago – Capela “na Serra do Bituruna” filial da Villa de São José” erguida por provisão de 10 de junho de 1761 a pedido dos moradores do Rio do Peixe e Jacaré.

Freguesia criada por L.M. nº 714 de 16 de junho de 1855 – Primeiro Vigário: José Mendes dos Santos.

(Cônego Raimundo Trindade – “Instituições de Igrejas no bispado de Mariana” – 1980, SPHAN, p. 302.

Capela curada de São Tiago. A edificação foi erguida por provisão de junho de 1761 a pedido dos moradores da região ao Rio do Peixe e Jacaré. Elevada a freguesia em maio de 1855. É exemplar demolido, substituído por templo construído em 1922. O antigo arraial do Rio do Peixe e Jacaré é hoje o município de São Tiago (Cônego Raimundo Trindade op. cit. Pág. 383).

SEMEAR A HISTÓRIA E CULTIVAR A TRADIÇÃO!

Com um punhado de sementes, foi preciso semear a História... E no solo da Terra do Biscoito, através das gerações, as receitas foram nascendo...

Hoje, ainda ao caminhar, aprimora-se tudo!

Apesar da Pandemia, que este espírito festivo, possa estar em nossos corações, comemorando de um jeito diferente.

Seria a Festa do Biscoito na nossa cidade, neste fim de semana: a praça movimentada de pessoas, de eventos culturais, e outros mais...

Mas, a praça está linda assim mesmo, florescendo para acolher você, do jeito que pode.

E para nossa "Tradição do Café-com- Biscoito," um brinde, mesmo estando em nossas casas.

Ela merece!

Um bule, uma xícara, uma toalha, uma mesa ...flores na janela, alegria na alma.

É viva a nossa Tradição!

Viva São Tiago!

Maria Ilza Mendes
Membro IHGST



ESCOLA, ONTEM, HOJE

No mês de outubro, em nosso calendário escolar referendamos o dia da criança e do professor. Esse último considerado como a pedra angular na vida de uma Escola e na “Escola de nossas vidas”.

Ser professor sempre foi um desafio e no mundo em que estamos vivendo, na atual conjuntura, este desafio torna-se cada dia maior.

Em nosso município a educação sempre foi uma das prioridades, uma bandeira defendida pelo nosso povo e seus representantes junto ao poder público.

Dentro deste contexto, vou basear meus comentários, numa etapa dos anos 50/60 relatando algumas das dificuldades encontradas por esta classe tão marginalizada: Professor.

A única escola existente em São Tiago era o Grupo Escolar Afonso Pena Júnior. Então os professores formados em outras cidades, não encontravam vagas para exercer o magistério na localidade. Esta já é a primeira decepção: normalistas cheias de sonho e conhecimento tinham que partir para escolas rurais ou procurar escolas em cidades vizinhas, menores. Como contratado, houve um tempo em que o salário atrasava e quem estava começando recebia as piores classes.

Nas escolas rurais, essas guerreiras, enfrentavam problemas de toda ordem: poucos recursos físicos, materiais e financeiros; enormes distâncias da cidade, estradas em péssimo estado de conservação. Vivenciavam intempéries como chuvas, tempestades, enchentes, poeiras etc. Salas de aulas lotadas com crianças de todas as idades com níveis intelectuais de aprendizagem diversificados, lugarejos com poucos moradores, dificuldades para pernoites, falta de energia elétrica e, às vezes, até de água potável; mobiliários inadequados, dentre outros. Aliado a todas essas dificuldades, escritas administrativas, cobrança de presença de alunos, reuniões na cidade, falta de caronas completas e encontros no trajeto com “estranhos” e animais perigosos.

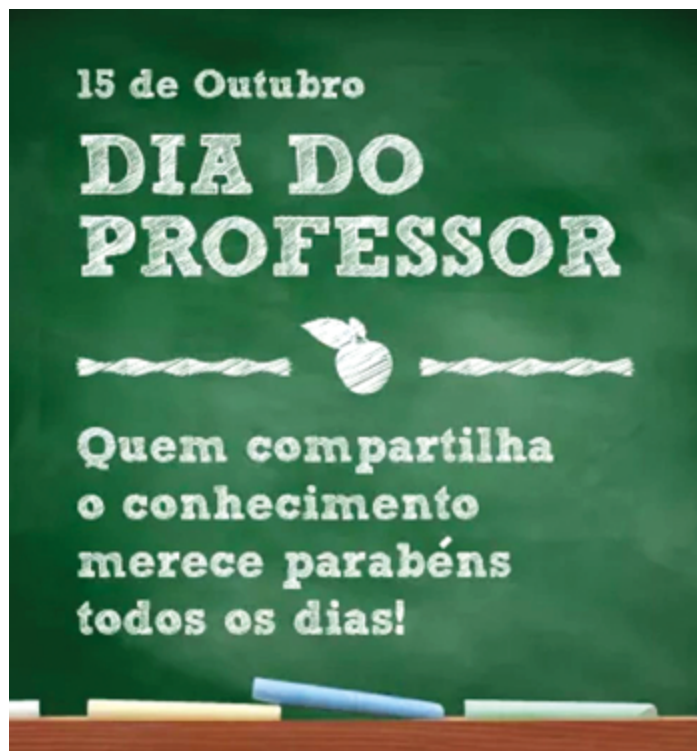
Nem com todas estas dificuldades, nossos professores não se deixavam vencer. Levantavam cedinho, iam para as esquinas esperar suas caronas. Objetos em sacolas de pano, sapatos e roupas simples e confortáveis; trocas de roupas, blusas de frio, sombrinhas e lá seguiam os professores nos caminhões de leite, em cavalos, caronas diversas, com seu material empoeirado, mas bem grudadinho junto ao peito.

Nas atividades dentro da escola, o professor além de docente, fazia serviço de faxineiro, merendeiro, ministrava o catecismo preparando seus alunos para a primeira Comunhão e fazia até triagens com serviços de primeiros socorros. Salas multisseriadas e com uma diversidade de alunado com seus problemas de frequência à escola, às vezes, por doença, tempo de colheita, ajuda aos pais, falta de acesso e outras necessidades.

No final do 3º ano, as crianças iam para a cidade com seus próprios recursos (casas de parentes, alugadas, pensões familiares, pensionato, outros nem tinham condições de ir), mas quando iam pleiteavam a conclusão do 4º ano primário. Os que podiam davam continuidade aos seus estudos, permanecendo longe da família por dia, meses e aí enfrentavam outras dificuldades, nesta situação adversa e, mais uma vez, entrava em jogo a superação de nossos professores para ajudar seus alunos.

A formação acadêmica de um professor em São Tiago passou por muitas etapas e como sempre nosso querido Monsenhor Eloi foi um divisor de águas, um “Salvador da Pátria”, que junto aos seus colaboradores criaram gradativamente o Curso Normal – Formação de Professor Primário. No início vindo professores de fora, pernoitando no pensionato, mesclando suas cargas horárias com professores da cidade: Sr. Raul, Sr. José Francisco, Sr. Irimar, Sr. João Pinto, Sr. José Alves, Sr. Jorge do Abraão junto com nossas queridas professoras, D. Delza, D. Lúcia, D. Marina Mendes dentre outras. E com Monsenhor Eloi suprimindo faltas e ministrando muitas das disciplinas.

Com o tempo, o curso Normal foi instituído, registrado, depois de tudo consolidado novos professores foram entregues a cidade de São Tiago.



Hoje nossa cidade é referência. Basta olhar resultados pedagógicos, verificar em pesquisas, intercâmbios, noticiários, olimpíadas, aprovação em vestibulares etc. como o nível educacional é muito bom.

Com a crise da pandemia, apesar do contexto muito bom de nossas escolas são-tiaguenses, nossa educação no município ficou em alguns aspectos comprometida. Professores e alunos como em todo o mundo não estavam, preparados para vivenciar este momento. E como disse muito bem a diretora da E. E. “Afonso Pena Júnior”, Sra. Beatriz Oliveira, numa entrevista na rádio União FM, conduzida pelo jornalista Marcus Santiago, comparando a crise na educação como “trocar pneu num carro em movimento” com todas as dificuldades inerentes a esta situação. Os professores tiveram que reinventar suas práticas pedagógicas, criando novas plataformas, buscando por novos recursos na internet, pesquisas, aulas online, blocos de exercícios etc. Tudo isso veio acrescido da pior parte: o adoecimento dos profissionais da educação, como crises de estresse, angústia, síndromes (pânicos etc.) e a tristeza constante de não ter o calor humano de seus alunos, colegas de trabalho. Cobranças intensas, falsas notícias aliadas aos trabalhos intensos dos professores. Este corte dificultou profundamente a interação de professor e aluno afetando a parte psicológica e cognitiva de ambos.

Tenho acompanhado dentre outras preocupações dos professores, o atendimento ao aluno morador da zona rural, sem acesso a internet, aos meios de comunicação e que diariamente eram levados para a escola, no transporte escolar do município, hoje só com suas famílias, deslocando mensalmente trazendo bateria de exercícios, provas, livros e até a merenda, entregando aos pais, com compromisso de data certa para a devolução. Para os pais, novos enfrentamentos por a criança não estar com seus pares de idade, pela desmotivação deles pensando assim o despreparo dos pais também nesta forma de ensino.

Diante desses impasses é necessário muita compreensão, profissionalismo por parte de todos envolvidos na educação.

Neste outubro, especificamente no dia do professor, na ausência deste calor humano, todo respeito e carinho a eles, esses Anjos Bons, verdadeiros heróis na vida de nossos filhos.

Maria Elena Caputo de Castro
 Professora/Psicóloga

CONTOS & PARÁBOLAS



O homem rico e seu filho pobre

POR SEIKYOPOST | 19 JAN 2016

Há muitos anos, um menino fugiu da casa de seu pai, que era um homem bem rico. Durante quase cinquenta anos, ele andou de um lado para outro, em situação de extrema pobreza, realizando trabalhos serviais. Um dia, em meio a suas andanças, ele foi parar na mansão de seu pai.

O homem rico ficou muito feliz ao ver o filho novamente, pois seu desejo era dar a ele toda a riqueza como herança. Porém, assustado com o esplendor da mansão, o filho logo fugiu. O pai então enviou mensageiros para buscá-lo, e o filho, temendo a prisão, desmaia de medo.

Sabendo disso, o homem rico pede aos mensageiros que o soltem, e envia dois de seus servos vestidos com roupas sujas para oferecerem a ele o trabalho de recolher excrementos. O filho aceita o emprego.

Tempos depois, o homem rico também se disfarça com roupas sujas para se aproximar do filho.

Por vinte anos o filho se dedicou a limpar excrementos e assim gradativamente ele se desenvolveu. O pai então o promove a administrador de sua propriedade e, passo a passo, ele começa a aprender todas as suas funções.

Quando o pai sente que a morte está próxima, declara ao rei, aos ministros e a seus parentes que seu empregado é, na realidade, seu filho verdadeiro. E transfere a ele todas as suas posses.

CONCLUSÃO

A parábola O homem rico e seu filho pobre é uma das sete parábolas principais do Sutra do Lótus.

O homem rico representa o buda Shakyamuni. O filho pobre simboliza as pessoas que não encontraram o budismo.

O buda Shakyamuni percebe a capacidade das pessoas, as conduz gradativamente à iluminação, assim como o homem rico oferece ao filho o humilde trabalho para depois o delegar a tarefa de administrar a propriedade.

Parábola extraída da RDez, ed. 160, abril. 2015



A joia escondida no manto

POR SEIKYOPOST | 22 JUN 2016

Certa vez um hospedeiro recebeu a visita de um amigo de longa data. O visitante que era um andarilho dos mais viajados olhou com carinho seu hospedeiro. Os dois eram amigos muito íntimos, mas o tempo, o trabalho e outros assuntos mundanos, aos poucos, os havia separado.

Enfim a distância terminou e os dois felizes companheiros celebraram o reencontro com uma refeição suntuosa e muito vinho. Passaram o dia em alegria, mas, agora que a noite chegara, o visitante estava tão embriagado pelo vinho que a única coisa a fazer era fechar os olhos e dormir profundamente.

Enquanto o visitante descansava pesadamente, o hospedeiro teve de atender um importante e inadiável chamado. Não havia maneira de recusar e, embora triste por ter de abandonar o amigo, decidiu partir imediatamente para a missão. Antes, porém, preocupado com o bem-estar do seu amigo, escolheu sua joia mais preciosa e costurou-a sob o manto do amigo.

Pensou: "Quando ele acordar pela manhã, certamente ainda estará bem sonolento. Verá que eu tive de partir e ficará desapontado. Porém, quando vir esta preciosa joia compreenderá que, a despeito da minha rude e apressada partida, eu o amo profundamente e lhe desejo o melhor. Colocando a joia sob sua roupa ele a levará sem falha. Se a colocar em outro lugar talvez ele não a perceba ou a esqueça".

Pela manhã, o visitante, ainda "grogue", olhou em volta e ficou desapontado por não ver o amigo. Com pesar, colocou a roupa e foi seguindo seu caminho sem perceber a joia escondida em seu manto. Por muito tempo vagou percorrendo estradas arenosas e inúmeros países numa constante luta pela sobrevivência. Trabalhou duramente sem a mínima ideia da riqueza que levava consigo.

Um dia os dois amigos se encontraram novamente. O hospedeiro ficou chocado com a aparência do amigo e perguntou-lhe com compaixão:

"Por que você se tornou tão pobre e miserável? Quando me visitou eu costurei a mais preciosa das joias nas dobras de sua roupa, de modo que pudesse viver uma vida digna. E mesmo assim tem levado esta vida miserável? Deve usar imediatamente essa joia e mudar sua condição de vida. Então terá tudo que almeja".

Pela primeira vez o visitante compreendeu o grande tesouro que seu amigo lhe havia dado. Seu ser iluminou-se de alegria e lágrimas deslizaram pela sua face.

CONCLUSÃO

O Sutra do Lótus utiliza parábolas com o intuito de facilitar a compreensão dos princípios budistas. Há sete mais representativas, dentre elas a Parábola da joia escondida no manto (cap. 8 do Sutra do Lótus, Profecia da Iluminação para Quinhentos Discípulos).

A joia de valor inestimável é uma metáfora da natureza de buda. O forro do manto representa as profundezas do nosso ser.

Em outras palavras, a parábola nos transmite o princípio de que o tesouro extremamente nobre da natureza de buda existe dentro de todos nós. O Sutra do Lótus é um ensinamento que nos possibilita despertar para o nosso estado de buda inerente e a conduzirmos uma vida feliz.

Na parábola, o despertar alegre é provocado pelo diálogo imbuído de amizade.

Fonte: RDez, ed. 167, nov 2015



ERICK FUGII

PUBLICIDADE LIGADA A ESTÉTICA CORPORAL O MODERNO CANTO DAS SEREIAS

Deixamo-nos fascinar, emaranhar nosso inconsciente pela publicidade mercantilista, pelas prisões midiáticas e eletrônicas que fabricam uma falsa versão do ego, da realidade. Assim nos são roubadas a identidade, a personalidade, enredados que somos por teias de promessas, de fantasias, de objetos e fenômenos mirabolantes. Propagandas em si atraentes, viciantes, corruptoras que nos desviam a atenção do que é essencial, do que é espiritual. Ai estão Facebook, Instagram, Twitter que nos dão a ilusão do conhecimento, da informação, quando, na verdade, estamos sendo manipulados, recheados de banalidades, toxicidades. O bombardeio de tantas informações, eventos, distrações, enganações nos deformam a inteligência, nos afogam a consciência. Obviamente, nem tudo ali é pernicioso, cabendo-nos discernir entre o bem e o mal, exercendo, para tanto, nossa maturidade, nossa vigilância.

Uma das maiores vítimas são mulheres, em particular jovens, envolvidas por propagandas e os chamados influenciadores digitais, explorando abusivamente a área da estética corporal – o

chamado “mito do corpo perfeito” – com a oferta não só de produtos cosméticos massificados, mas também de procedimentos estético-cirúrgicos, como se fosse possível resolver problemas de insatisfação e não aceitação apenas com bisturis e como se sucesso, autoestima dependessem tão somente de beleza física. Dezenas de mulheres acabam morrendo tragicamente em clínicas ou blocos cirúrgicos, em grande parte clandestinos, quando ali ocorrem em busca do “boom” do corpo perfeito, veiculados abusiva e indiscriminadamente por médicos, esteticistas e até hospitais. Outras tantas são abusadas, inclusive por (falsos ou pervertidos) profissionais ditos alternativos ou “especialistas” (massoterapeutas, iogues, fisioterapeutas, nutrólogos, esteticistas, personal trainees etc.) conforme relatos diários da imprensa Segundo estatísticas, somente em 2018, cerca de 800 mil mulheres no Brasil sofreram intervenções estéticas (Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas)

Todo cuidado é pouco!

O corpo humano realiza, em questão de segundos, milhões de operações. Um maravilhoso computador organogênico: aumenta ou reduz a temperatura e a pressão, troca células velhas por novas, acelera ou retarda o metabolismo elaborando sucos, bílis, fermentos, sangue, saliva; ajusta o sistema neurop-

síquico através da central hipotalâmica, rege todo o sistema anátomo-fisiológico pela hipófise; drena resíduos pelas vias emunctorias; automatiza movimentos como respiração, circulação, digestão tudo isso sem nos consultar. Um instrumento primoroso que nos é concedido pela Criação Divina!



**UMA ÚNICA
CALÇA JEANS
CONSUME
MAIS DE
5.000 LITROS
DE ÁGUA
PARA SER
FABRICADA**

Algo que as pessoas ignoram e as empresas buscam soluções sustentáveis

Segundo estudos feitos pela Vicunha e pelo movimento ambientalista Ecoera, a produção de uma única peça no Brasil gasta, em média, 5.200 litros de água, o equivalente para atender as necessidades básicas de 47 pessoas por dia. Esta quantidade de água inclui a água consumida pelas lavouras de algodão (matéria prima utilizada na confecção das calças) e que não retorna às fontes de captação – rios, represas, aquíferos; e ainda o volume de água necessário para a produção industrial (dilução dos componentes químicos usados durante a produção, na tecelagem, lavanderia e lavagens em geral)

Técnicos vêm estudando fórmulas para diminuir a quantidade de água utilizada ou utilizá-la de forma mais cuidadosa em alguns processos. Algumas delas é a utilização de água da chuva nas unidades de confecção em regiões como a do Nordeste. Empresas como a Vicunha estudam o estabelecimento de compensação por meio de projetos socioambientais.

Cabe ao consumidor, igualmente, mudar hábitos como diminuir as lavagens de calças jeans, utilizar sabões e detergentes com ativos biodegradáveis que ajudam a diminuir a poluição de rios e mananciais causada pela lavagem de roupas. As pessoas têm que compreender o impacto das mudanças climáticas e de que a água é um recurso finito, nobre, devendo ser empregado com maior – senão máxima – responsabilidade.

O Poder Público e sociedade, por sua vez, tem a obrigação de promover ações que melhorem a eficiência do consumo da água como a diminuição do desperdício nas redes de distribuição (enclausuramentos, bombeamentos), maior capacitação e qualificação das estações de tratamento, a máxima economia no uso doméstico e industrial, cercamento de nascentes (Alô Poder Público Municipal – quando é que as nascentes urbanas serão cuidadas, revitalizadas ou no mínimo cadastradas?!)

(Fonte: Revista Galileu nº 338, setembro/2019)

Sãotiaguenses ilustres

Dr. João Batista Ferreira

O Dr. João Batista Ferreira, médico e professor, nasceu em São Tiago a 01 de agosto de 1887, filho de Pe. Júlio José Ferreira⁽¹⁾ e D^a Benvenida Maria de Bittencourt, embora não conste, por motivos óbvios, a titulação paterna na certidão de batismo: “A quinze de agosto de mil, oitocentos e oitenta e sete, o Reverendíssimo Crispiniano Antonio de Souza batizou solenemente o inocente João, nascido ao primeiro deste mês, filho de Benvenida Maria de Bittencourt, sendo padrinhos José Jacinto Rodrigues Lara e Maria Luiza de Campos. E para constar faço este assento. Vigário (Júlio José) Ferreira” (Livro de registros de batismos da Paróquia de São Tiago...)

D^a Benvenida Maria de Bittencourt, concubina de Pe. Júlio José Ferreira, era natural de Mercês de Água Limpa, onde nasceu aos 09/05/1861, filha de Antonio Gomes Machado e Bárbara Angélica de Jesus Machado. Era exímia costureira e conceituada artesã, muito contribuindo com a receita daí auferida, segundo a oralidade, para os custeios da família e a educação dos filhos. Pe. Júlio tinha, por hábito, solicitar a outros sacerdotes o batismo dos filhos, embora dando-lhes o nome familiar (todos com o sobrenome Ferreira) procedendo ainda os devidos registros canônicos.⁽²⁾

Dr. João Batista Ferreira realizou seus estudos primários em São Tiago e secundários em São João Del-Rei (para onde Pe. Júlio e família transferiram-se em 1901, vítimas de insidiosa campanha política local). Formou-se pela Faculdade de Medicina do Brasil na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1918, com magistral tese sobre sífilis cardíaca, atuando profissionalmente em Passa Tempo e Oliveira, onde seria ainda professor de várias disciplinas, diretor de Ginásio Mineiro (hoje Colégio Prof. Pinheiro Campos) por vários anos. Segundo tradição oral familiar, Dr. João Batista iniciara o curso de medicina em Belo Horizonte, mas desentendendo-se com um dos professores, transferiu-se para o Rio de Janeiro para conclusão do curso em 1918. Casou-se aos 15/07/1920 em Belo Horizonte com Leonina de Andrade Ferreira, ela natural de Passa Tempo, onde nasceu em 1898, oriunda da tradicional família Andrade, falecendo ela em Brasília aos 18/01/1979, onde está sepultada, vítima do mal de Alzheimer.

Filhos do casal Dr. João Batista Ferreira e Leonina de Andrade Ferreira: I. Lucília (1922-1937, falecida ainda adolescente, vítima de endocardite bacteriana); II. Célia (1923-2014); III. Ruth (1925-2013); IV. Oswaldo (1926-1997); V. Maria Adelaide (1927-2006); VI. Luiz Fernando (1931-1931); VII. Dalva (1933-....) Dalva, a filha caçula, por sinal a única neta de Pe. Júlio ainda viva, reside em Brasília, casou-se com Newton Cirino em São Paulo no ano de 1969, dali transferindo-se para Brasília, onde ela ocupou, por décadas, as funções de enfermeira-chefe do Senado Federal. Ficou viúva precocemente em virtude da morte do marido em acidente automobilístico em Brasília em 1972. Os quatro filhos mais velhos de Dr. João Batista e Leonina Andrade nasceram em Passa Tempo e os três mais novos em Oliveira.

O historiador Augusto Viegas informa-nos: “Formaram-se em medicina Antonio das Chagas Viegas e João Batista Ferreira, de saudosas memórias que honraram a classe...” (“Notícia Histórica do Município de São Tiago” p. 44). Dr. João Batista Ferreira faleceu aos 14/10/1948 em Oliveira em consequência de um segundo AVC. Era detentor de vasta cultura, proprietário de uma valiosíssima biblioteca.

“...a 21 de setembro de 1937, assumiu a reitoria (do Ginásio) o prof. Dr. João Batista Ferreira em sessão especial da congregação” “Dirigiu o estabelecimento o Dr. João Batista Ferreira até 1946 quando se aposentou, vindo a falecer a 14 de outubro de 1948” (Luiz Gonzaga da Fonseca – “História de Oliveira” pp. 288/289)

“Em Passa Tempo passaram muitos médicos: os primeiros foram Dr. Gedeão, Dr. João Batista Ferreira” (Antonio Pedro Silva Faleiro – “Passa Tempo através do tempo” – Ed. Autor, 2010, p.75).



NOTAS

(1) Pe. Júlio José Ferreira era natural de Piedade dos Gerais, MG, onde nasceu aos 25/08/1844, filho do Alferes Vicente José Ferreira e D. Ana Cândida de Jesus. Ordenado sacerdote aos 26-01-1868 em Mariana. Vigário de São Tiago entre 1868 e 1901. Durante seu profícuo e laborioso vicariato, manteve conúbio com D. Benvenida Maria de Bittencourt, de pleno conhecimento e anuência pública, provindo os filhos Maria José, Dr. José Maria, Dr. João Batista e outra criança falecida em tenra idade (ver nota 2) Após sua saída de São Tiago, Pe. Júlio ocupou a capelania da igreja de Nossa Senhora das Mercês em São João Del-Rei. Faleceu em Belo Horizonte aos 26-09-1916, sendo sepultado no cemitério do Bonfim.

(2) Outros irmãos de Dr. João Batista Ferreira, filhos de Pe. Júlio José Ferreira e D. Benvenida Maria de Bittencourt:

- Maria José Ferreira de Carvalho, nascida em São Tiago aos 27/02/1877 e falecida em Belo Horizonte aos 30-07-1932. Casada com Laudares Antonio de Carvalho, natural de Morro do Ferro. Foram estes os pais do Dr. Júlio Ferreira de Carvalho (28/01/1893-22/10/1962) político, jurista, professor, interventor federal em Minas Gerais (1946) e pais ainda da Prof^a Benvenida de Carvalho Azevedo (25/02/1895-15/08/1959) (ver matérias em nosso boletim nº CXXXV, dezembro/2018) de Maria José de Carvalho Vidal (27/08/1897-31/07/1973), José Maurílio Ferreira de Carvalho (13/09/1899-29/10/1955), Rafaella de Carvalho Marotta (04/04/1903-05/12/1929) e Mercês Maria Ferreira de Carvalho (16/10/1905-22/01/1952)

- Dr. José Maria Ferreira, nascido em São Tiago aos 06-11-1881, advogado, promotor público, formado pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte (1908) e falecido em São João Del-Rei aos 22-10-1920, vitimado por hepatite. Casado com D. Elzy Augusta Guadalupe, tendo o casal duas filhas Lucília e Maria Irene (ver matérias em nosso boletim nº IX - junho/2008 e CLVIII - nov/2020)

Nossos agradecimentos ao Dr. Fernando Alcici pela fundamental contribuição na elaboração da presente matéria com o fornecimento de fotos e dados biográficos familiares.



BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO

*“Como o barro na mão do oleiro, assim sóis vós
na minha mão, ó casa de Israel” (Jr 18,4)*

Nós, que nos intitulamos cristãos, devemos ter olhos de ver, ser testemunhas vivas, despenseiros, vasos – por mais imperfeitos – da graça, do perdão, da esperança divina, isto cotidianamente, a todo instante. Somos devedores da misericórdia do Senhor e devemos entender que Ele nos acolhe, nos escolhe, nos agracia, de forma que possamos, em Seu nome, servir irrestritamente ao próximo e à humanidade. Misericórdia que se manifesta de maneira simples, quão profunda: em gestos, pensamentos, palavras, no pão que nos chega fumegante à mesa, num olhar perscrutador, na dor silenciosa ou latente, na tristeza, no anônimo, quiçá celestial viajante ao nosso lado, tocados que somos sempre por Sua longânima mensagem. Eis que nossos olhos, como na primorosa passagem de Emaús (Lc 24:31) reconhecem o Ressuscitado e nossos pés, em gratidão, alcançam o primeiro degrau da escada.

Conquanto falhamos – quantas e quantas vezes! – em nossa visão, em nossa missão, em nossa vocação, Deus tem, todavia, um Plano Eterno para cada um, para todos nós! Um Plano defi-

nido pelo Senhor de total restauração quanto a cada um de Seus filhos, ainda que envolva quedas, deficiências no plano material, no percurso de burilamento do precioso barro. “Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu” (Jr 18,4) Oh, maravilha! O Senhor, Oleiro da vida, refaz o vaso (que somos nós) em Suas mãos, nos retira as impurezas, nos restaura, enquanto a argila se contorce, se colapsa, se parte, para surgir em pleno vigor e esplendor! O Senhor se vale, pois, do mesmo barro a fim de confeccionar o primoroso vaso e “segundo bem lhe pareceu”. Foram as Tuas mãos que me formaram e me fizeram; me moldaste como o barro” (Jo 10:8-9)

O Senhor nos molda, nos aprimora continuamente. Sua obra persiste, trabalhando-nos, restaurando-nos, por mais impurezas conttenham a contextura do barro, pois “Senhor, tu és o nosso Pai, nós somos o barro; tu és o oleiro, todos nós somos obra de Tuas mãos” (Is 64:8).

FORMANDOS DE 1948 ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIOR'



TURMA DE 1948 – FORMANDOS 4º ANO

PROFª CECILIA RIBEIRO DA SILVA

1ª FILA – JOSÉ LÉLIS, ANTONIO (CHIQUITO LARA), OSNY (BENJAMIM LARA), RAUL WILSON DA MATA, BOSCO CAPUTO, ANTONIO MARQUES, (PE) NILSON REIS MENDES

2ª FILA – CARLOS DA ZINA, OBED CAMPOS, ONOFRE MATA, (DR) NILTON REIS, GUIDO REIS, ORLANDO RESENDE, JOSÉ VENÂNCIO CAMPOS, NILTON (SOBRINHO DO SR. TROMBONE), GUIDO ALMEIDA, ANTONIO ROSA

3ª FILA – LUCY LARA, MARIA JOSÉ (DO NUCA), NILSA (DO ZOTE), IOLANDA (MILTON BATISTA), FILHA DA CONCEIÇÃO DO OSÓRIO, MARIA INÊS LARA, MARIA (CICERO MENDES), NENETE (JOÃO BILECA), GERALDINHA DA CARMELINA, NAZARÉ, GABRIELA, PROFª CECILIA.

OS GRANDES SUPPLICIOS



MASMORRA. — Era um carcere subterrâneo, no qual eram encerrados os condenados à prisão perpetua, e sobre elles pesava o caquecimento. Por isso os franceses designavam tais prisiones com o nome de *ou-bliettes*.

DURANTE largo tempo na historia da civilização a punição do crime se revestiu do caracter de vingança da sociedade contra os delinquentes.

A pena como meio de correção, de regeneração do individuo, é idéa relativamente muito recente, e dahi o espectáculo nos offerece o passado, em

que os criminosos eram tratados com uma crueldade que nos nossos dias não chegamos a comprehender.

A sociedade antiga vingava-se do crime, e com um encarnicamento requintado. A morte, qualquer que fosse a situação do condemnado, era sempre precedida da tortura: *inquirição*



CANGA. — Supplicio chinês, de forma analogo ao pelourinho mas portatil. E' feito de um pedaço de taboa pesada, provida de um buraco para se metter a cabeça.



RODA. — O criminoso era delatado sobre barrotas dispostas em forma de X e em seguida, espancado com uma barra de ferro que lhe partia os braços, as pernas e os rins; depois o seu corpo era amarrado a uma roda sustentada por um poste.

GALÉS. — O nome vem de "galeras". Durante muito tempo os criminosos eram condemnados a remar nas galeras do Estado. Os condemnados é que eram os *palés*. Mais tarde os galés foram empregados nos mais penosos serviços dos portos.



ESQUARTEJAMENTO. — O condemnado tinha os membros estirados por quatro cavallos até que o seu corpo se arrebentasse aos pedaços. Era o supplicio dos traidores e dos criminosos de *lesa-majestade*.



FERRETE. — Era uma marca infamante e indelivel applicada no hombro de um condemnado com um ferro quente e pela mão do carrasco. A pena das galeras era precedida do ferrete.

FOGUEIRA. — Supplicio geralmente reservado aos sacrilegos, feiticeiros e hereticos; os menos culpados ou certos condemnados de categoria obtinham, ás vezes, o favor de serem previamente estrangulados.

O GARROTE. — Instrumento de morte por estrangulação. Consistia numa peça de madeira grossa e curta, que se introduzia na laçada de uma corda passada em torno do pescoço do condemnado e a que se dava volta para apertar mais fortemente.

DECAPITAÇÃO. — A decapitação foi outrora o supplicio dos nobres; era executada com um machado, que decepava a cabeça do condemnado pousada sobre um cepo. Acontecia muitas vezes que o carrasco errava o golpe e o supplicio se tornava extremamente cruel. A guilhotina foi evidentemente um progresso humanitario.



PELOURINHO. — Era uma construção de madeira, na qual se fazia subir o condemnado, que ficava de pé com a cabeça, e, ás vezes, as mãos pousadas entre duas taboas.



FORÇA. — Instrumento destinado a matar por estrangulamento. Passava-se a laçada de uma corda ao pescoço do condemnado e este era projectado de cima de um tablado ficando no ar. Analogo á forca era o patibulo, com a particularidade de servir tambem para guardar instrumentos de supplicio.

ACOITE. — Era o castigo por meio de punta das com *hastão*, vara, chi co te. Nesse genero o Brasil crebrocou o *boquillo*, chi co te de cabo curto e traveca de varias pontas com que se surriavam os escravos.

preparatoria, durante a instrução, *inquirição previa*, antes da execução para obter confissões ou, arrancar revelações sobre possiveis complicitades no crime.

Pouco a pouco, porém, á medida que se abrandavam os costumes, os castigos foram por sua vez se tornando menos barbaros, e os povos que conservaram nas suas leis a pena de

morte, procuraram descobrir meios mais suaves de applical-a, evitando maiores sofrimentos aos que incorriam nas sanções da pena capital.

Nos quadros que aqui offerecemos á curiosidade dos leitores, temos a representação de varios processos ou instrumentos usados através dos tempos e em diferentes paizes para castigar os criminosos.

50º aniversário de “Imagine” é comemorado com projeção de letra em edifícios

“Imagine all the people living life in peace” foi projetada em prédios por todo mundo em comemoração ao aniversário da música.

A letra de “Imagine”, de John Lennon e Yoko Ono, foi projetada em edifícios de todo o mundo para comemorar os 50 anos transcorridos desde que o falecido beatle lançou a música e o álbum homônimos.

Das Casas do Parlamento e da Catedral de São Paulo de Londres à praça Times Square de Nova York, “Imagine all the people living life in peace” irradiou para lembrar o aniversário a ser comemorado na quinta-feira.

Lennon lançou o álbum “Imagine” no dia 9 de setembro de 1971, e sua faixa-título é considerada há tempos uma das maiores canções de todos os tempos, de acordo com publicações de música.

“John teria amado isto. ‘Imagine’ incorpora o que acreditávamos juntos na época”, disse Yoko em um comunicado.

“Ainda estamos juntos agora, e ainda acreditamos nisso. O sentimento é tão importante agora quanto era quando foi escrito e lançado 50 anos atrás.”

A letra também foi projetada na noite de terça-feira em Berlim, Tóquio e Liverpool, a cidade-natal de Lennon, espelhando uma campanha de projeção semelhante de Yoko há 20 anos.



Yoko Ono e John Lennon / Foto: Reprodução/YouTube

Imagine

Imagine there's no heaven
It's easy if you try
No hell below us
Above us only sky
Imagine all the people
Living for today

Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too
Imagine all the people
Living life in peace

You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope some day you'll join us
And the world will be as one

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A brotherhood of man
Imagine all the people
Sharing all the world

You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one

Imagine

Imagine que não existe paraíso
É fácil se você tentar
Nenhum inferno sob nós
Acima de nós apenas o céu
Imagine todas as pessoas
Vivendo para o presente

Imagine que não há países
Não é difícil de fazer
Nada para matar ou morrer
E nenhuma religião também
Imagine todas as pessoas
Vivendo a vida em paz

Você pode dizer que sou um sonhador
Mas eu não sou o único
Eu espero que algum dia você se junte a nós
E o mundo será como um só

Imagine que não existe posses
Eu me pergunto se você consegue?
Sem necessidade de ganância ou fome
Uma irmandade dos homens
Imagine todas as pessoas
Compartilhando o mundo inteiro

Você pode dizer que sou um sonhador
Mas eu não sou o único
Eu espero que algum dia você se junte a nós
E o mundo viverá como um só